

Reportagem especial do blog:
www.rodandopelomundo.com

Ter filhos morando fora do Brasil pode ser uma aventura e tanto, então conheça um pouco mais sobre 5 super convidados do *Rodando Pelo Mundo* que já passaram por essa experiência:

Luciana Azevedo

www.lalelilolu-illustration.com
<http://nicolandoporai.wordpress.com>
@_lalelilolu

Eu sou a Luciana, casada com o Rafael e somos ambos brasileiros expatriados. Por causa do nosso trabalho (os dois geólogos) saímos do Brasil em 2004 pra morar na Venezuela, em seguida Austrália e hoje estamos no Canadá. Nosso filho nasceu na Austrália e tem 2 anos e meio.

Fabíola Adriana Pereira

www.dicasroteirosviagens.com
@fabi_pe

Por enquanto, minha família somos apenas eu e meu marido. Ambos somos brasileiros e moramos em Viena há cerca de 2 anos. Estamos “grávidos” de de nossa primeira filha. Mudamos para a Áustria por conta do trabalho do meu marido.

Daniel Duclos

www.ducsamsterdam.net
@ducsamsterdam

Eu e a Carla, minha esposa, somos um casal de brazucas que mora na Holanda. Em algum momento do ano passado decidimos tentar engravidar e... bem, funcionou. Será nosso primeiro bebê (o sexo ainda não será revelado)*, e vai direto nascer em um país estrangeiro, porque desafio pouco é bobagem. Não basta ser pai de primeira viagem, tem de ser em holandês!

** Entre a data da entrevista e a divulgação no blog o mistério foi revelado, já que chegou ao mundo a pequena Alice Duclos! Parabéns!*

Igor Almeida Reis

Meu filho, Nathan, está agora com 1 ano e 4 meses. Veio a este mundo com 3.2 kg e foi planejado, diferente de muitos, que as vezes vêm por descuido. Eu e minha esposa planejamos ele com muito amor. Acredito que pelo fato de ela ser Australiana, tivemos muita “moleza” para termos ele. Ele nasceu no Manly Hospital, minha esposa foi bem assistida durante o processo, mas por algum problema que não sei dizer o porque, ela iria ter parto normal. Mas ela não teve dilatação e o processo acabou passando da hora prevista, ela com muita dor, então os médicos resolveram fazer cesárea. Graças a Deus a cesárea veio na hora certa, pois meu filho começava a ficar roxo dentro da barriga. Ele começou se sentir apertado e desconfortável dentro da barriga. Cara, fiquei com muita pena da minha esposa, pelas dores que ela passou e pena por ele também, que deve ter sofrido um pouco lá dentro. Posso afirmar que teve um pouco de descaso por parte de alguns funcionários no hospital, mas a maioria tratou ela muito bem!

Luciana Coura

Meu marido é francês e além de nossos 2 filhos (de 3 anos e outra de 10 meses), tenho 2 enteados de 15 e 12 anos que moram conosco.



Como foi o período entre a confirmação da gravidez e os primeiros exames (qualidade dos médicos e do sistema de saúde)?

Luciana Azevedo: Quando fomos transferidos pra Austrália, já sabíamos que queríamos engravidar, coisa que aconteceu no nosso primeiro mês lá. A busca por um médico me rendeu surpresas atrás de surpresas. Primeiro, eu não conseguia entender como mulher grávida não tinha direito a pré-natal com ginecologista, muito menos com um obstetra. Tive que me contentar com um clínico geral do início ao fim (inclusive na assistência na hora do parto). Ele por sorte, era um médico velhinho e com muita experiência na área, mas nem toda mulher lá tinha essa sorte. Outra coisa que me espantou muito, foi perceber que os resultados dos exames nunca eram enviados pra mim, somente pro médico, o qual também se recusava a me dar cópias. Eu, que adoro uma pastinha com meus exames, não gostei nada disso. :) Mas como eu tive uma gravidez muito tranquila, achei que no geral tive um bom atendimento.

Fabiola: A confirmação da gravidez foi através de um teste de farmácia. Seguindo as indicações de uma amiga brasileira, marquei minha primeira consulta com a médica que está fazendo o meu pré-natal aqui na Áustria. Trata-se de um consultório particular e, por isso, pagamos pelas consultas.

Na Áustria, existe o e-card, que é um cartão eletrônico que dá acesso ao sistema de saúde público austríaco. Acho que vale a pena salientar que a contribuição para o sistema público de saúde é compulsória a qualquer pessoa que esteja empregada (nada é de graça!). Como sou dependente de meu marido, ele tem de pagar por nós dois. O sistema público de saúde austríaco é considerado excelente, mesmo quando confrontado com seus similares europeus. Além disso, temos um seguro privado que é parte do nosso “pacote de expatriação”. Com isso, conseguimos ressarcir despesas com médicos e tratamentos de saúde privados.

As consultas de rotina incluem sempre um exame de ultrassom e, eventualmente, coleta de sangue no próprio consultório médico. Além disso, seguindo a orientação da médica, já por duas vezes, fui fazer exames mais detalhados em um grande hospital de Viena: a translucência nugal e um ultrassom morfológico. Embora a médica seja particular, todos os exames feitos no hospital e também meus exames de sangue são pagos pelo sistema público de saúde.

Sobre os médicos: a principal diferença que eu percebi até agora é que eles são extremamente profissionais e *apenas* isto. A relação médico-paciente guarda um distanciamento bastante perceptível para nós brasileiros. As consultas são rápidas e objetivas. Mais uma coisa, mesmo os médicos costumam ser surpreendentemente pontuais... =) Apenas em uma ocasião tive de esperar mais do que 10 ou 15 minutos.

Sobre o sistema público de saúde: também aqui impera este ar profissional, mas algumas enfermeiras foram especialmente simpáticas.

Ponto para elas! Na primeira visita ao hospital, faz-se a ficha da paciente e levanta-se todo o seu histórico médico. Por se tratar de um grande hospital, o setor ginecológico-obstétrico atende a um grande número de gestantes. Por isso, sempre que tenho de ir lá, vou pronta para esperar. No geral, senti-me como em um grande hospital universitário brasileiro.

Diferenças a se apontar: *todas* as gestantes têm acesso a, pelo menos, 2 ou 3 ultrassons durante a gravidez e isto é um sonho quando pensamos no nosso SUS! Entretanto, como eu disse, é tudo muito rápido e profissional que a fila tem de andar. Quem está acostumado com o atendimento de um bom plano de saúde no Brasil vai perceber que os exames são mais breves e você não recebe tanta atenção e informação por parte do médico. Mais uma coisa: normalmente, você não chega nem perto dos resultados dos exames. Fica tudo nas mãos do médico e no seu histórico no hospital, à exceção dos laudos da translucência e do morfológico dos quais tenho uma cópia.

Daniel: A qualidade dos médicos foi excelente, mas pagamos um micão: achamos que era preciso ir ao huisarts — médico de família, clínico geral — mas não era. A ideia é ir direto pra verloskundige (em inglês é midwife e em português parece que é obstetriz). Nossa huisarts nos recebeu e disse:

- Por que vocês dois estão aqui?
- Há... eu acho que estou grávida.
- Parabéns. Mas por que vocês estão aqui?

Hm... assim, você faz um exame de farmácia (eles confiam bastante) e já marca direto com

a verloskundige. Tanto a médica quanto a obstetriz nos atenderam super bem.

Igor: Confirmamos a gravidez pelos testes de farmácia e após dois deles resolvemos ir ao médico para ver como ela estava, e foi confirmada um gravidez de 2 a 3 semanas se não me engano. Foram 3 ultra sons, um inicial que mostrou tudo tranquilo, mas sem definição de ser aparentemente menino ou menina. Um segundo ultra som já conseguia mostrar um bebê com pernas e braços mas ainda sem sexo, já no terceiro conseguimos ver que se tratava de um menino. Agradeço a minha esposa a chance de ver o sexo porque aqui na Austrália a tradição não permite que se veja o sexo, só depois que nascer. Mas eu queria saber até pra ajudar no lado financeiro de comprar algo certo para meu filho.

Luciana Coura: O sistema de saúde francês é bom, e as consultas são reembolsadas pelo governo (com base em uma tabela padrão). Ao ver o +++ no teste de farmácia, meu clínico geral pediu exame de sangue e me encaminhou à um ginecologista. A partir de então tive consultas pré-natais todos os meses. São 3 exames de ultrassom obrigatórios – geralmente 3D (12, 22 e 32 semanas de gestação, além dos US simples no consultório do próprio médico) e vários exames de laboratório (inclusive toxoplasmose todos os meses para as mães não imunizadas) pagos pelo governo. Importante: na França foram muuuuito o parto normal.

O estado oferece algum tipo de assistência financeira? Existe alguma política de incentivo/restrição da parte do governo quando os casais decidem ter filhos?

Luciana Azevedo: Sim, pra quem é residente permanente eles oferecem o Baby Bonus (em torno de 5,000 dolares pra cada bebê que nasce). Também tem a licença maternidade de um ano, a qual não vejo exatamente como um incentivo, pois não é remunerada e isso obriga muitas mães a voltarem pro trabalho muito antes. No entanto, pra gente que era residente temporário com visto de trabalho pra 4 anos, não tivemos nenhuma ajuda, nem mesmo assistência médica. Todas as consultas e o parto foram pagos do nosso próprio bolso.

Fabiola: Sim. É chamado de “Familienbeihilfe” e é um valor por criança. Basicamente, o valor e a duração deste benefício dependem da idade da criança e da situação financeira dos pais.

Daniel: Não. Nem incentivo nem desincentivo. Mas uma coisa engraça é que os planos de saúde aqui não só não têm carência pra mulher grávida (nem pra nada até onde eu saiba), como ainda disputam a grávida pra virar cliente, oferecendo planos e condições especiais.

Igor: Como já disse, minha esposa é Australiana, sendo então beneficiada por uma ajuda do governo que naquela época dava 150 pro aluguel por semana mais uma faixa de 500 dólares por semana por um período de 6 meses. Ajudou bastante. Ela poderia ter voltado lá e pedido mais ajuda, mas nós conseguimos conciliar tudo. Hoje mudou, o governo concede 500 por semana por um ano e meio (ajuda muito boa). Esse benefício se estende para qualquer cidadão Australiano.

Luciana Coura: Sim. Devemos declarar nossa gravidez ao governo até a 13ª semana. Mais ou menos um mês antes do nascimento recebemos uma “prime naissance”, ou seja, uma ajuda do governo no valor de aproximadamente 850 euros. Depois do nascimento e até os 18 anos, a França dá ajuda de custos que varia de acordo com o rendimento familiar. Há diversas outras ajudas como, por exemplo, para creche ou babá registrada.

Pai Igor, filho Nathan e mãe Danielle



Como foi a escolha do(s) nome(s), já que o fato de morar fora geralmente torna a escolha muito mais complicada?

Luciana Azevedo: Com certeza estar morando fora com perspectiva de continuar influenciou bastante o nome da escolha do nome do nosso filho. Escolhemos Nicolas por ser um nome universal - acho que qualquer país do mundo tem esse nome. Já pro sobrenome mantemos a tradição brasileira: sobrenome da mãe e do pai.

Fabiola: Tentamos escolher um nome que funcionasse bem na Europa e no Brasil. Evitamos também grafias estranhas que obrigassem a criança a ter de soletrar seu nome a toda hora.

Mesmo que eu não morasse no exterior, tentaria dar aos meus filhos um nome mais “internacional”. Antes de morar aqui, em viagens ou com conhecidos estrangeiros eu já havia passado por situações curiosas por conta do meu nome (e meu nome não é exótico, ou estranho, é só um nome italiano!). Acho que os pais deveriam pensar nisto antes de escolherem o nome de seus filhos.

Daniel: Quebramos a cabeça com isso. Quando pensávamos em nomes no Brasil, nunca levávamos em conta que holandês pronuncia o ge como RRÊ, por exemplo... não era, digamos, o topo de nossa prioridade. Após muito nos revirmos e pensarmos, nos saímos com 2 nomes que funcionam em PT, NL, EN e FR. Ufs.

Igor: Escolher o nome foi um pouco difícil também, porque os nomes que temos no Brasil são um pouco diferentes dos nomes que temos por aqui. No final compramos um livro com todos os nomes possíveis e imagináveis e acabamos escolhendo Nathan, que é um nome fácil de dizer em português também.

Luciana Coura: Meu marido e eu queríamos nomes brasileiros, então foi simples. No entanto, muita gente acha difícil pronunciar (Tiago e Maria Luiza) e acaba “traduzindo” (Marie Louise – que eu não gosto, então sempre falamos Malu). Na França existe a tradição de ter 2 nomes e só 1 sobrenome. No nosso caso, solicitamos ao consulado que nossos filhos fossem registrados com ambos sobrenomes, mas sempre dá confusão, especialmente porque minha filha tem nome composto!

Como foi decidido o processo do aprendizado de outras línguas e, claro, do português? Você conversa em que língua com o(a) parceiro(a) e filho(s)?

Luciana Azevedo: Como somos os dois brasileiros a decisão foi fácil - dentro de casa só falamos em português. Hoje em dia, por causa da interação com outras pessoas que falam inglês, ele mesmo já começou a entender que com a gente se fala de um jeito e com outras pessoas, de outro.

Fabiola: Não se aplica (ainda!).

Daniel: Somos brasileiros então... seguinte a regra ficou assim: dentro de casa é português. Tudo bem, a TV vai ficar em holandês e tal, mas a conversa aqui em casa fica em PT. Fora de casa, NL. Na creche, escola, etc, ele irá aprender e usar o holandês. O plano é que seja uma criança bilíngüe, aprendendo desde cedo o NL, mas de bebe será o PT. Como estudei letras, eu sei que línguas aprendidas desde cedo assim ficam ambas como línguas nativas.

Igor: Eu estou na Austrália, isso significa que ele vai aprender inglês de qualquer maneira, então eu tento falar português com ele, às vezes fica difícil

imaginar ele aprendendo 2 línguas, mas eu tento. Fico meio apreensivo se ele vai aprender o português de uma maneira fácil. Tento falar e ensinar agora porque dizem que quanto mais novo, mais fácil é o aprendizado.

Luciana Coura: Em casa falamos prioritariamente português. Meus enteados falam francês, entendem o português e conseguem se expressar um pouco. Tiago entende ambos idiomas, mistura na hora de falar mas é capaz de fazer a tradução quando a pessoa não entende o que ele quer.

Rafael, marido da Luciana Azevedo, e Nicolas



Como foi a decisão de vocês na relação entre trabalho x dedicação ao neném nos primeiros meses?

Luciana Azevedo: Bom, como na Austrália não tem licença paternidade, meu marido tirou duas semanas de férias pra me ajudar e logo em seguida voltou à sua rotina de trabalho. Eu, como não me sentia realizada sendo geóloga, não tive dificuldade em deixar meu emprego pra me dedicar totalmente à maternidade. Hoje em dia comemoro que eu tenha tido esta coragem, porque agora tenho meu próprio negócio de ilustrações* e ainda consigo conciliar com a maternidade em tempo integral.

Fabiola: Como não estou trabalhando aqui na Áustria, isto não será um problema. Entretanto, creio que a licença maternidade (Karenz) aqui pode ser estendida por até 2 anos (com redução no valor mensal, claro!).

Daniel: Prefiro pular essa :)

Igor: Com o apoio que o governo deu a minha esposa, eu deixei ela em casa cuidando do nosso filho até ele fazer 1 ano, foi muito difícil, tive que conciliar 2 empregos, mas valeu a pena. Ele mama até agora, bem menos do que no começo, mas ainda mama todo dia pra ir dormir. O leite materno fez ele ficar bem forte, bem imunizado,

só teve resfriados leves, nunca ficou doente. E tenho certeza que isto é graças ao leite materno. Minha esposa voltou a trabalhar, mas a mãe dela está tomando conta dele para nós 4 dias por semana e minha esposa tem toda quarta-feira livre. O governo ajuda no custo da creche, se não me engano custa algo em torno de 80 dólares por dia e o governo paga 40 dólares, é muito bom.

Luciana Coura: Como trabalhava com meu marido, foi simples. Continuei trabalhando com flexibilidade. A licença maternidade é de aproximadamente 4 meses e começa obrigatoriamente antes da data prevista do parto. Dependendo do número de filhos que você já tem, esse período pode ser estendido.



* Todas as ilustrações foram gentilmente cedidas pela talentosa mamãe Luciana Azevedo! Confira seu trabalho!

Com qual frequencia vocês voltam ao Brasil e qual o impacto do país em teus filhos?

Luciana Azevedo: Vamos ao Brasil uma vez por ano e toda vez que vamos é visível a conexão natural que o Nicolas tem com o nosso país. Lá ele tem a oportunidade de ter seus abraços retornados (ele adora abraçar todo mundo e nem na Austrália, nem no Canadá, ninguém tem esse hábito) e a ótima sensação de finalmente falar uma língua que todo mundo entende - e ele também. Sem dúvida ele fica ainda mais solto e feliz quando estamos no Brasil - o que às vezes torna nossa decisão de morar fora um pouco difícil.

Fabiola: Não se aplica (ainda!).

Daniel: O que aconteceu é que a gravidez adiou nossa volta ao BR. Normalmente voltamos uma vez por ano, mas em 2011 não vai acontecer, porque dedicaremos as férias pra emendar com licença maternidade.

Igor: Cara eu estou aqui há 6 anos, nunca fui ao Brasil, mas minha mãe já veio 2 vezes e acredito que este ano - ou no máximo ano que vem estarei indo de férias com esposa e filho. Esse é meu plano, minha esposa sonha em conhecer o Brasil, minha família está doida pra conhecer eles também.

Luciana Coura: Pelo menos 1 vez por ano.



Como foi - ou será - o processo de retiro de passaporte(s) para teu(s) filho(s)? Você fazem questão que eles tenham o passaporte local e o brasileiro?

Luciana Azevedo: Porque não éramos residentes permanentes na Austrália, Nicolas também não teve direito à nacionalidade australiana - pasmem. Por isso, assim que ele nasceu, fizemos seu registro de nascimento lá indicando que ele é natural da Austrália, e com esse documento, tiramos seu passaporte brasileiro na embaixada do Brasil. O processo foi super rápido e feito todo pelo correio. Agora que moramos no Canadá, vamos todos entrar com o pedido de naturalização daqui dois anos.

Fabiola: Não se aplica (ainda!). Entretanto, posso adiantar que na Áustria, como em outros países da Europa, nascer em solo austríaco não dá direito à cidadania austríaca. Como nem eu, nem o pai somos cidadãos austríacos, minha filha, quer nasça na Áustria, quer no Brasil, será brasileiríssima. Por outro lado, filhos de pai ou mãe austríaco fazem jus ao passaporte austríaco onde quer que nasçam.

Daniel: A Holanda aplica o jus sanguinis (sabe o que é não? Filho de holandês é holandês. Wiki ao resgate:

http://en.wikipedia.org/wiki/Jus_sanguinis) e não o jus soli (ou seja, não importa se nasceu na Holanda ou não. A cidadania é dada pelo sangue, não território.) Portanto ter o passaporte local não é uma opção. O bebê será registrado no consulado brasileiro e terá certidão de nascimento e passaporte igualzin todo mundo que nasce no BR. O consulado funciona como um cartório também.

Igor: Meu filho vai ter dupla cidadania, o passaporte Australiano é dele sem dúvida e o brasileiro também. Então ele terá os dois. É bom poder ir e vir quando bem quiser.

Luciana Coura: Sim, meus filhos têm ambos passaportes. Eles nasceram no Brasil (não troco meu médico brasileiro por nada nesse mundo) e foram registrados no consulado Francês no Rio de Janeiro (por correio). Saíram do Brasil com passaporte nacional e fiz a solicitação do passaporte Frances assim que cheguei aqui, sem nenhuma dificuldade adicional.

O pequeno Nicolas e o canguru curioso



Algum conselho para quem, como vocês, quer encarar esse grande passo - mesmo morando no exterior?

Luciana Azevedo: Acho que a maior dificuldade que tivemos foi ter que encarar tudo completamente sozinhos. Na época nenhum parente nosso pode ir nos ajudar e não foi nada fácil cuidar de um recém-nascido e ainda dar conta da casa, fazer comida e garantir roupa limpa pra gente. Então pra quem está pensando em passar por uma aventura como essa, tenha certeza que alguém poderá passar pelo menos o primeiro mês com vocês - esse par de mãos extras no início pode fazer toda a diferença.

Fabíola: Eu sei que viver na Europa (ou nos EUA, ou no Canadá, Austrália...) soa como um conto de fadas para muita gente. Entretanto, o sonho não é tão dourado quanto parece. Mesmo nós que viemos em condições ideais com emprego garantido, visto e todo o suporte de uma grande empresa, pagamos um preço pela escolha. Lembrem-se de que vocês *sempre* serão estrangeiros, hóspedes na casa de outra pessoa. Há também a questão da língua, as diferenças culturais, a ausência da família e dos amigos. São muitas renúncias! Por isso, antes de fazê-las, esteja certo de que o que você ganhar em troca irá compensar o que vai lhe custar. É claro que se ganha muito também (especialmente em vivências!), mas acredito este tipo de escolha deve ser feito com a razão.

Daniel: Conselho? Quem sou eu para dar conselhos, ainda mais em uma coisa como essa? :P Não, sem conselhos. O que posso te dizer é como *eu* to encarando essa: quando eu mudei de país, eu não sabia o que iria encontrar. Eu sabia que minha vida iria mudar, mas não tinha dimensão de como e nem quanto. Eu olho pra trás hoje e digo, “nossa, eu não fazia idéia!”, e hoje eu percebo que foi difícil, foi doloroso, foi prazeroso, foi empolgante, foi desesperador, foi animador e que, embora eu esperasse que a minha vida mudasse, hoje eu percebo que quem mudou fui eu. E com filho, ainda mais no exterior, eu imagino que entrarei em outra viagem que mudará minha vida e a mim mesmo.

Quer saber? Mal posso esperar.

Igor: Olha meu conselho à todos é o seguinte; vale a pena chegar em casa cansado, de saco cheio e ver aquele pinguinho de gente gostoso te esperando, alegre, sorridente. Você abraça, beija, morde. É MUITO BOM. Tenha um filho e você vai realmente mudar sua vida. Esperar ter dinheiro é perda de tempo, porque dinheiro não é fácil ganhar, e com certeza quando ele nascer você vai saber como sustentar a família, tudo vem na hora certa, e DEUS sempre estará olhando por nós e ajudando quando mais precisarmos.

Luciana Coura: Busque estar cercado pela família (se possível) ou bons amigos. As vezes enfrentar as dificuldades de “pais de primeira viagem” sozinhos é duro. Não esqueçam que a EXISTE VIDA DEPOIS DA MATERNIDADE (ou paternidade) e que dá pra continuar viajando mesmo com os pequenos!!!



Super ilustrações gentilmente cedidas por:
Luciana Azevedo (@_lalelilolu)
www.lalelilolu-illustration.com
<http://nicolandoporai.wordpress.com>

Conceito e Edição:
Michel P. Zylberberg (@rodandoomundo)
Blog de viagens “Rodando Pelo Mundo”
www.rodandopelomundo.com